Autor: Jose Antonio Lizana Arce
Contato: <edicionesceachei@gmail.com>

A CAMPAINHA DE DON ROLANDO

Dedicado a Felipe Risco Cataldo

Domingo, 27 de outubro de 1985. Ruas despovoadas pela alta temperatura, mas também pelo medo de perder a vida em qualquer canto.

Portanto, a casa parecia o lugar mais seguro e, em família, assistimos ao jogo de La Roja de Chile contra o Peru, pela repescagem sul-americana em direção à Copa do Mundo de 1986 no México.

O início do encontro foi uma coisa de loucos, porque nem mesmo os primeiros quinze minutos se passaram e já estávamos três a zero para nossos vizinhos do norte. Mesmo assim, Pedro Carcuro gritou no sinal intermitente da emissora estatal de televisão que os gols chilenos vinham da Europa, devido aos furiosos golpes de Jorge Aravena do Valladolid da Espanha, Hugo Rubio de Málaga do mesmo país e Alejandro Hisis do OFI da Grécia. O relator terá querido acenar para aos compatriotas que estavam obrigatoriamente no exterior?

O "guardião" peruano Eusebio Acasuzo teve que ser substituído por Ramón Quiroga aos vinte e quatro minutos do primeiro tempo, em um dos episódios mais únicos da história do futebol. Alguns meses atrás, o próprio Acasuzo havia participado das duas partidas eliminatórias contra a Argentina de Maradona, que mais tarde se tornaria campeã mundial do México '86 (1-0 em Lima e 2-2 em Buenos Aires). Foi por isso que estranhou sua infeliz atuação em Santiago, ao ponto que os próprios peruanos acusaram o goleiro de se vender em troca de seis mil dólares. As quarenta mil pessoas que

compareceram ao Estádio Nacional agradeceram ironicamente a "pequena ajuda", através de uma música típica daqueles anos: "Acasuzo, amigo, o povo está com você".

O resultado foi selado com um 4-2 e, quando o árbitro uruguaio José Luis Martínez terminou o compromisso, abracei meus pais e todos caímos em lágrimas, talvez como uma maneira de liberar tanta angústia contida pelo contexto político e social em que vivemos.
Minutos depois, saí com minha bola de plástico do mapa-múndi para procurar amigos do bairro para jogar uma partidinha. Algumas casas a frente da minha era a de Lucho, que saiu imediatamente assim que ouviu meu chamado. Logo batemos à porta da casa do Pato, logo a do Pipe, do Monchi e, finalmente, a do Nano. Assim, em apenas cinco minutos, nosso alinhamento estava pronto.

Naquele dia, estreamos um conjunto de camisetas de seda a listras, que compramos no Sports Player com o dinheiro da venda dos cartões, jornais e garrafas. As camisetas eram verdes e todos nós tínhamos nossos números atribuídos, mas, como piada, eu disse às crianças: "Eu coloco a número 1 amarela, aposto que agarro muito mais do que o Acasuzo". Eu nunca joguei nessa posição, porque estava usando óculos e poderiam quebrá-los com uma única jogada, mas desta vez eu me animei. O Lucho me contou seus segredos da posição, embora a empresa fosse muito gigante porque alguns dos caras da equipe adversária jogaram na seleção da População Arauco.

A Rua Antofagasta era nossa fortaleza e sempre atacávamos de norte a sul. Aproveitando o pouco trânsito, fazíamos um desenho do retângulo escolhido com giz. No entanto, no cruzamento com a Rua San Vicente, um Chevrolet Opala cinza de 1978 costumava ser estacionado, dirigido por um cara

moreno de bigode e óculos escuros. O homem parecia tão intimidador que não ousamos pedir que ele fosse embora.

Concordamos que a sarjeta "era quadra" e o gol iam ser os portões da casa de Andreíta, filha de um velho informante da vizinhança, e do amargo Rolando, um aposentado raivoso que costumava assustar as crianças pequenas. O jogo duraria até que nossas mães nos chamassem ou até que o toque de recolher soasse. Finalmente, quando a bola rolava, nós esquecíamos de tudo. Até do medo.

Como Acasuzo, nos primeiros quinze minutos eu já havia marcado três gols. A providência dos trilhos do portão me salvou várias vezes, mas não o suficiente para que, nos próximos quinze minutos, os de "Arauco" me pontuassem numa quarta, quinta, sexta e sétima ocasião. Talvez, me dizia a mim mesmo, era meu castigo por zombar o arqueiro peruano.

Depois de um tempo, paramos para comer uns pães com mortadela e tomate com orégano e beber Coca-Cola que os amigos do caminhão de bebidas nos deram de presente, depois de persegui-los por quase dois quarteirões. Algo mais descansado e cheinhos, fomos molhar o rosto à torneira do canto e continuamos com a nossa pelada.

Na segunda parte, houve uma mudança de lado e pensei que na porta do amargo Rolando as coisas seriam diferentes, mas "A maldição de Acasuzo" voltou para me agarrar, já que seguidos chegaram os gols no meu arco: oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze ... Eu nem me lembro, mas acredito que Monchi marcou o desconto.

Autor: Jose Antonio Lizana Arce
Contato: <edicionesceachei@gmail.com>

Estes caras "os de Arauco" eram máquinas reais e, dentre as muitas xingadas que recebia dos meus companheiros de equipe e das pessoas que assistiam ao jogo, mal ouvi a voz do meu tio do sul, Nacho - que estava se recuperando de uma operação na coluna em Santiago - que me dizia na beira da quadra como técnico improvisado: "Agora, poh cara, saia para cortar um centro ou diminuir o ângulo do atacante, ainda que seja. Você não vê que eles estão enchendo o saco de gols e estão deixando mal parado o nome da família". O tio Nacho jogou toda a sua vida como goleiro e foi campeão da Juventus de Requínoa, por isso sabia do que estava falando.

O Nano e o Pato eram unidos, mas tudo mudou quando Andreíta e Nano começaram se paquerar, porque algo aconteceu com o Pato após isso. Eles dizem que é ciúmes de amigos e, talvez, pela mesma razão, ambos estiveram na bravata em todo o jogo. Eles até entraram na porrada, e quando tentei separá-los, recebi um soco que quebrou meus óculos em duas partes. O Nano e o Pato foram embora no meio da briga. Isso me machucou e é por isso que não conversei com eles no resto do ano e nunca mais os convidei para jogar novamente.

Tínhamos concordado que nenhum jogador poderia mudar de posição, mas não enxergava nada sem óculos e ainda por cima estávamos com menos dois jogadores, embora isso nos motivasse. Como não tínhamos nada a perder, começamos a dividir a bola até com os olhos e a partir daí acreditamos na história de que estávamos disputando uma final da Copa Libertadores. Por sua vez, os caras de"Arauco" começaram gradualmente a mostrar cansaço.

Os gols valiam de todos os lados, pelo que fiquei experto em algumas partidas e marquei seis vezes consecutivas desde meu gol. O Monchi os

enlouqueceu com seus transbordes demoníacos e seus centros precisos, de modo que o Pipe marcou cinco outras anotações ao mais puro estilo Pelé da Copa do Mundo de 1958: cabeça, pipoca, peito do pé, coxa e até peito.

O Lucho era um palhaço na quadra e, como nossos rivais não tinham pernas sobrando, ele pendurou algumas roupas de cachorro nas costas da calça. Isso foi muito divertido, porque eles o perseguiram para dar alguns chutes na bunda, mas o Monchi aproveitou esses espaços para marcar duas vezes e, assim, fazer empate quinze a quinze. Celebramos com muita risada.
Já tínhamos o jogo sob controle, mas em uma ação nos distraímos e perdemos o Chimi, um dos mais rápidos dianteiros do "Arauco". Incrivelmente, estando sozinho em frente ao "gol", ele enviou a bola do mapa-múndi pela janela da casa do amargo Rolando, o vizinho reconhecido por seu temperamento.

Eu era o único que não tinha medo desse senhor, pulgas ruins, então só fui pedir a bola. Ele era empreiteiro, não tinha filhos e desde a infância me dava doces de presente. Quando íamos à feira e passávamos pela casa dele, ele sempre dizia à minha mãe: "Quão grande está o Juan Carlitos, senhora." E quando cresci, repetia a mesma coisa: "Ei, você cresceu Juan Carlitos". Eu o cumprimentei amigavelmente, mas eu nunca disse a ele que ele não me chamava assim. Talvez ele me visse como o filho que nunca teve. Não sei.
Por causa desse carinho que eu tinha, me permiti tocar sua campainha várias vezes e gritar seu nome, mas ninguém respondeu. Nós pensamos que ele havia saído, porque alguns dias atrás o vimos jogar panfletos por todo o quarteirão.

Para fazer um pouco de tempo, fomos com os caras para minha casa para ver Patio Plum na TV e jogar Atari. Depois de um tempo, pedimos a bola

Autor: Jose Antonio Lizana Arce
Contato: <edicionesceachei@gmail.com>

novamente, mas nada aconteceu. Na semana seguinte e no outro mês, também não saiu quando chamava por ele. Ninguém sabia sobre ele.

Com o tempo, sua casa estava cheia de plantas e arbustos, as músicas da Nova Canção não eram mais ouvidas saindo de sua janela e as cartas se acumulavam no jardim. As pessoas do bairro comentaram lentamente que um Chevrolet Opala cinza de 1978 o tinha levado uma manhã junto com outros dois vizinhos. Nunca recuperamos a bola do mapa-múndi e agora, toda vez que volto ao bairro, vou tocar a campainha de Don Rolando.